



# A prisão e a facada

**2018** A dinâmica eleitoral parece antecipar o segundo turno entre Fernando Haddad e Jair Bolsonaro

POR SERGIO LIRIO







TAMBÉM  
NESTA  
SEÇÃO



pág. 36

#EleNão. De forma espontânea, as mulheres reagem a Bolsonaro

**C**iro Gomes tem testado os seus limites. Não deve ser fácil se ver cercado a todo momento e responder exaustivamente às mesmas perguntas para uma manada de jornalistas orientados pelos chefes a buscar frases de efeito e não esclarecimentos. Ossos do ofício, dirão, esforço mínimo para quem se propôs a governar o Brasil. Diante do enésimo questionamento a respeito do incidente em Roraima, quando deu uma resposta atravessada a um falso repórter escalado pelo emedebista Romero Jucá para provocá-lo, Ciro faz uma pausa, respira e esgrime: “Sinto vergonha de parte da mídia. É uma inversão total dos fatos. Ele estava lá a mando do Jucá”.

O quebra-queixo dura mais uns cinco minutos e o pedetista rumo ao elevador do antigo prédio da Faculdade de Filosofia da USP, na famosa Rua Maria Antônia, Centro de São Paulo, hoje ocupado em parte pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A trupe de fotógrafos e *cameramen* o segue afoita, busca um instante que não se concretiza. A lente esbarra na orelha do vizinho, a câmera funga no cangote de um colega mais bem posicionado, uma segurança sai do caminho antes de ser pisoteada.

**Nas três horas** seguintes, Ciro falará de suas ideias para um pequeno grupo de associados da SBPC (“ciência e tecnologia é o novo nome de soberania”, enfatiza), exibirá seu reconhecido domínio dos problemas centrais do País, e voltará a criticar os meios de comunicação, que optaram pela “vulgaridade e a omissão”, embora considere impossível aprovar no Congresso uma lei para regular a mídia. Também fará piadas de si mesmo e desfiará seu crescente ressentimento com o PT, a quem acusa de sabotar sua campanha para se apegar à aventura de Fernando Haddad, um “FHC redivivo”, “garoto



de recados de Lula” e “despreparado” para a missão. “Se não quiserem resolver nada agora, paciência. Democracia é isso.” No fim, as críticas de um jovem estudante à escolha da ruralista Kátia Abreu como vice e à defesa da construção da Hidrelétrica de Belo Monte alterariam o seu humor. Para reduzir a tensão, Ildeu do Castro Moreira, presidente da SBPC, longe do olhar do convidado, fez um gesto para o estudante não insistir na tréplica.

Democracia é isso. Nem se fale de um arremedo. As circunstâncias emparelharam o pedetista e elas nada têm a ver com suas qualidades ou defeitos. O acaso, indicam a morte de Eduardo Campos em 2014 e o ataque a Bolsonaro às vésperas de 7 de Setembro, é uma força que

**Em uma semana,  
o petista cresceu  
1,5 ponto porcentual  
por dia. O deputado,  
por sua vez, consolida  
o voto antilulista**

**Na pista.** Enquanto Fernando Haddad é guindado pelo lulismo, Ciro Gomes equilibra-se entre a crítica ao petismo e o combate à ameaça de Bolsonaro

não deve ser ignorada nas eleições brasileiras, mas, se nada de espetacular acontecer nos próximos 15 dias, restará a Ciro a ingrata missão de se equilibrar entre o antibolsonarismo e o antipetismo. É um jogo de tentativa e erro, como se vê no momento. Ora o ex-ministro afirma acreditar na impossibilidade de Bolsonaro vencer as eleições, ora alerta para os riscos de o candidato do PSL vencer Haddad no roldão de um novo despertar do ódio a Lula.

O tucano Geraldo Alckmin está em situação parecida, com enormes desvantagens em relação a Ciro (falta-lhe o carisma do cearense e sobra-lhe o fardo de ser visto pelos eleitores como o candidato de fato do abominado Michel Temer). Não por outra razão, ACM Neto, prefeito de Salvador e um dos coordenadores da campanha de Alckmin, apela: “O futuro do Brasil não pode ficar entre uma facada e uma prisão”.



Será? As últimas pesquisas, nacionais e regionais, indicam exatamente este cenário. Embora os adversários projetem uma estagnação ou até um recuo nas intenções de voto de Bolsonaro, o presidencialismo do PSL consolidou, após o atentado em Juiz de Fora, um eleitorado que o garante no segundo turno. Seu azar é que seu vice, o general Hamilton Mourão, não tem sido de grande utilidade na hora de agregar eleitores. Ao contrário. A declaração do militar de que filhos criados por mães e avós são desajustados e sua recusa em se retratar reacenderam a resistência feminina contra a chapa, relata o editor Rodrigo Martins à página 36. Parapio- rar, um ataque de *hackers* a uma página

## Lupi, do PDT, lembra a acirrada disputa entre Brizola e Lula em 1989. No fim, recorda, 80% dos brizolistas votaram no PT

no Facebook intitulada Mulheres contra Bolsonaro, que somava 2,5 milhões de seguidores, tornou o movimento suprapartidário e acima de qualquer ideologia.

Quanto mais avança, no entanto, a transferência de votos de Lula para

Haddad, mais água no moinho de Bolsonaro, avalia Marcos Coimbra à página 33, dado que o antipetismo tende, ainda em 7 de outubro, a cerrar fileiras na candidatura com maiores chances de derrotar o ex-prefeito de São Paulo. No levantamento do Ibope divulgado na terça-feira 18, Bolsonaro alcançou 28%, em parte à custa de Alckmin, que encolheu de 9% para 7%, e de Marina Silva (de 9% para 6%).

É possível que o mesmo aconteça no campo progressista. Ciro manteve 11% no Ibope e 13% no Datafolha da quarta-feira 19, contra 28% de Bolsonaro, 16% de Haddad e 9% de Alckmin. Se o avassalador fenômeno da transposição de votos

## OS TUCANOS E A TENTAÇÃO DO PODER

A mais lúcida crítica partiu de um tucano remido. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o senador Tasso Jereissati penitenciou-se pela sucessão de “erros memoráveis” do partido, desde a derrota nas urnas em 2014. “Fomos engolidos pela tentação do poder”, argumenta o cearense, ao desfiar os equívocos. “O primeiro foi questionar o resultado eleitoral. Não é da nossa história e do nosso perfil. Não questionamos as instituições, respeitamos a democracia (...) Mas o grande erro foi entrar no governo Temer. Foi a gota d’água.”

O *mea-culpa* não é gratuito. A tentação do poder cobrou rapidamente o preço do PSDB. De artífice do golpe, ávido por herdar a cadeira do Palácio do Planalto após o mandato-tampão de Temer, o partido corre o risco de desaparecer, tornar-se uma força regional irrelevante ou se transfigurar de forma

definitiva, dando adeus às veleidades social-democratas da fundação e se convertendo em uma legenda de yuppies neoliberais sob a batuta do empreendedor João Doria.

Com José Serra em retiro forçado, Aécio Neves enrolado com a Justiça e Geraldo Alckmin prestes a colher o pior desempenho da legenda em uma eleição presidencial desde 1994, o tucanato não é mais capaz de representar o antipetismo. Acabou engolido pelo monstro que liberou da lâmpada, como lembrou Fernando Haddad em entrevista a *CartaCapital*: “Serra e Aécio abriram uma avenida para o obscurantismo no Brasil”. O PSDB, recordou Haddad, introduziu de forma distorcida e eleitoreira os debates sobre aborto, gênero e maioria penal, assuntos que insuflaram o reacionarismo fascistoide e a candidatura de Jair Bolsonaro. Atualmente, os tucanos são considerados “frouxos” demais



pelo eleitorado que sonhou controlar.

Alckmin não tem sido abandonado só pelo Centrão, que, como esperado, cada vez mais se divide entre Bolsonaro e Haddad, em busca de um lugar ao sol no próximo governo, seja qual for ele. O sofrível desempenho do ex-governador paulista nas pesquisas e a desoladora perspectiva eleitoral excitam as desavenças internas. Anti-go desafeto da nomenclatura

paulista da legenda, o amazonense Arthur Virgílio, faixa preta de judô, abre mão de qualquer reflexão intelectual e vai direto ao ponto, quando fala do correligionário que disputa a Presidência: “Não leva o meu apoio, não leva o meu voto, nem o do Amazonas”.

Criado para disputar com o PT a hegemonia na centro-esquerda, de verniz democrático e intelectual, o PSDB, quem diria, acabou no Irajá.





### No bunker.

Bolsonaro consolida-se como o candidato antipetista. Resta saber se a facada continuará a render votos

de Lula para Haddad continuar, porém, na mesma magnitude, será inevitável o encolhimento do petetista, que antes da oficialização do ex-prefeito de São Paulo como candidato do PT havia se beneficiado da dispersão dos lulistas. Em uma semana, Haddad ganhou, em média, 1,5 ponto porcentual por dia, o que explica sua ascensão de 7% para 19% no período. No Piauí, ele passa de 41%. Em Pernambuco, chega a 38%. Ainda assim, o petista incorporou até o momento apenas metade do potencial de transferência atribuído a Lula: 49% dos brasileiros, na média das pesquisas, votariam ou poderiam votar em um nome apadrinhado pelo ex-presidente. A outra metade almejada pelos petistas vive em regiões nas quais Ciro está bem posicionado: alguns estados do Nordeste e do Norte, o rincão de Minas Gerais e porções do Centro-Oeste.

Manter as cidadelas conquistadas exigirá de Ciro acentuar a pregação contra Haddad, sem descuidar das críticas a Bolsonaro. A dúvida é saber se a

estratégia dificulta uma aliança no segundo turno ou, pior, mina as possibilidades de vitória de um candidato progressista. Carlos Lupi, presidente do PDT, relembra a disputa entre Leonel Brizola e Lula, em 1989, para afastar esse temor. “O Lula disse que o Brizola seria capaz de pisar no pescoço da mãe para vencer. Este disse que o Brasil teria de engolir o ‘Sapo Barbudo’”, recorda. “Isso não impediu que, no segundo turno, 80% dos brizolistas escolhessem o PT.”

**O QG petista**, por sua vez, decidiu reeditar o estilo “paz e amor” de 2002. Evita-se um confronto não só com Ciro (no caso do petetista, a ordem é retribuir “balas com flores”), mas com qualquer outro adversário. As críticas ao mercado financeiro têm sido atenuadas, apesar de o partido negar a possibilidade de editar uma nova versão da Carta ao Povo Brasileiro, que, na verdade, refletia um compromisso com os donos do poder.

Os coordenadores da campanha minimizam o antipetismo e o poder de influência

da Operação Lava Jato, cujos vazamentos seletivos quase levaram à derrota de Dilma Rousseff em 2014. Acha que as acusações do ex-ministro Antonio Palocci não têm credibilidade para provocar um abalo na campanha e que as denúncias de corrupção não estão restritas ao PT. E lembram que o partido voltou a ser, de longe, o preferido dos eleitores (20%, contra 4% do MDB, segundo mais citado).

“Há uma outra compreensão dos cidadãos sobre o que se passou desde 2016”, avalia um dirigente. “O *impeachment* da Dilma não melhorou a situação do País, como se dizia, e ficou clara a parcialidade da Lava Jato e a perseguição a Lula.”

Haddad vai intensificar as viagens antes do primeiro turno. A agenda prevê visitas a todas as regiões, embora a campanha escolha, por razões óbvias, priorizar os estados com maior número de eleitores: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraná. Os petistas esperam, até lá, alcançar a liderança das pesquisas. •

